

Prefácio

Maria do Rosario Longo Mortatti

Como citar: MORTATTI, Maria do Rosario Longo. Prefácio. *In:* PASQUIM, Franciele Ruiz (org.). **Antonio da Silva Jardim na história do ensino de leitura e escrita no Brasil**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p.13-15. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-202-4.p13-15>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

Para leitores de hoje talvez possa parecer estranho que um homem que ficou conhecido na história do Brasil como “herói da República” tenha se dedicado também à propaganda de um método — o da palavrção — para o ensino inicial da leitura e da escrita.

Assim foi com Antonio da Silva Jardim (1860-1891). Esse positivista militante, que, em especial nos dois anos antecedentes à proclamação da República, tornou-se ardoroso propagandista do novo regime político e da abolição da escravatura no País, foi também professor que defendeu a modernização da instrução e a renovação dos métodos de ensino. Em 1882, com 22 anos de idade, esteve em “missão” na província do Espírito Santo, para divulgar o método João de Deus, contido na *Cartilha maternal ou arte da leitura* (1876), do poeta português, João de Deus. Em oposição aos métodos alfabético, fônico e silábico para o ensino da leitura utilizados no século XIX, Silva Jardim considerava esse método o mais moderno, científico e revolucionário, porque baseado na palavrção, estando, por isso, de acordo com os princípios do positivismo comtiano e com preceitos da Linguística mais avançada da época.

Em abril de 1884, aprovado em concurso para a Cadeira “Gramática e língua nacional” da Escola Normal de São Paulo, Silva Jardim proferiu a conferência *Reforma do ensino da língua materna*, em que defende o método da palavrção contido na cartilha do poeta português. O resumo dessa conferência, publicado em opúsculo como modelo para ensino da leitura, é o documento-chave escolhido por Franciele Ruiz Pasquim para análise de sua configuração textual, com os objetivos de <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-202-4.p13-15>

compreender o pensamento sobre ensino da leitura defendido por esse professor e a relação com as demais facetas de sua atuação, contribuindo, assim, para a produção de uma história do ensino de leitura e escrita no Brasil.

A rigorosa pesquisa documental e bibliográfica realizada pela autora resultou em dissertação de mestrado que tive o prazer de orientar no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Unesp – campus de Marília e que está vinculada ao Grupo de Pesquisa “História da Educação e do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (GPHEELLB), que coordeno desde sua criação, em 1994. E está também vinculada ao programa de pesquisa cuja matriz teórica se encontra no livro *Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994*, como outras pesquisas de Franciele que também orientei: de 2007 a 2010, em nível de graduação/iniciação científica; de 2011 a 2013, no mestrado; de 2014 a 2017, no doutorado.

Por meio da leitura deste livro, pode-se, por um lado, compreender a essa faceta de Silva Jardim - quase desconhecida até à publicação dos resultados daquela pesquisa matricial – e sua importância para a história do ensino de leitura e escrita no Brasil, iluminando e realçando a relação entre alfabetização e projetos de nação, que, a exemplo das evidências no atual contexto político e educacional do País, alguns querem esconder quando consideram a questão dos métodos como meramente técnica. Por outro lado — e não menos importante —, pode-se também apreender o rigoroso e apaixonado processo de pesquisa cujos resultados a autora nos dá a conhecer, como parte de sua história de formação acadêmica e intelectual que tive e tenho o prazer de acompanhar, mesmo depois de finalizadas as atividades formais de orientação.

Este livro, cuja leitura recomendo enfaticamente a pesquisadores, professores, estudantes e todos os que se interessam por educação, vem, portanto, preencher uma lacuna nos estudos sobre Silva Jardim e sobre história da alfabetização no Brasil. Publicado 130 anos depois de seu precoce e trágico falecimento — devido à queda na cratera do vulcão Vesúvio, na Itália — e no ano em que se comemora o centenário de nascimento de Paulo Freire — “Patrono da Educação Brasileira” —, o que Franciele Ruiz Pasquim nos apresenta sobre o passado da alfabetização instiga também a renovar reflexões e ações concretas baseadas na atualíssima advertência freiriana, em *Educação como prática da liberdade*: o analfabetismo “é uma das expressões concretas de uma realidade injusta. Não é um problema estritamente linguístico nem exclusivamente pedagógico, metodológico, mas político, como a alfabetização por meio da qual se pretende superá-lo. Proclamar a sua neutralidade, ingênua ou astutamente, não afeta em nada a sua politicidade intrínseca”.

Ribeirão Preto, 24 de outubro de 2021

Maria do Rosario Longo Mortatti